



FEITIÇARIAS, BENZIMENTOS E “MAO OLHADO”: O “NOVO CRISTÃO” DA TERRA E A VISITAÇÃO DO SANTO OFÍCIO NO BRASIL DO SÉCULO XVIII

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3479

Tainá Guanini de Oliveira, UNESPAR
Maria Honorina da Silva dos Santos, UNESPAR
Milena de Freitas Domingos, UNESPAR
Eulália Maria A de Moraes, UNESPAR
Ricardo Tadeu Caires da Silva, UNESPAR

Resumo

Objetivamos apresentar resultados e experiências de Iniciação a Docência desenvolvida no Projeto PIBID/História (Unespar – Campus de Paranavaí – PR), junto aos alunos do ensino fundamental do Colégio Estadual Curitiba, proposta desenvolvida no Subprojeto de História PIBID - "História da África e da Cultura Afro Brasileira: conhecendo nossas raízes". O principal objetivo desenvolvido no ensino de História do Brasil Colônia foi o entendimento da multiculturalidade como parte da tríade Europa, África e América. No universo colonizador práticas não cristãs serão combatidas e o Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769) reúne documentos que foram produzidos no século XVIII quando a sociedade paraense se insere nos Autos da Visitação. Por largo tempo a concepção de cultura foi elitista e de forma crescente a noção de “civilização” foi assumindo espaço; modelo que se ajustava aos planos etnocêntricos do pensamento europeu. Considerando a concepção de História Cultural algumas confissões foram reveladoras do “cuidado religioso” europeu com o “novo cristão da terra” – pretos, indígenas, mamelucos, mulatos, libertos ou escravos são inquiridos segundo as denúncias por superstição, curandeirismo e/ou benzimento do “mao olhado”, do “quebranto”, dos “bixos” e “sevandijas”. Neste aspecto, a migração de milhões de africanos para a América, o inusitado do habitat produziram fenômenos coletivos que durante muito tempo foi atribuído

Palavras Chave:

Feitiçarias e
Benzimentos; Visitação
do Santo Ofício; História
Cultural; Século XVIII.

Introdução

O presente trabalho é resultado dos exercícios de Iniciação a docência (ID), parte das atribuições do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Trata-se de uma iniciativa cujo objetivo maior é a valorização dos cursos de licenciatura; uma busca por aperfeiçoamento que se reflete na Educação Básica. Com essa finalidade – dar apoio aos estudantes do Ensino Superior que optaram pela licenciatura –, o Ministério da Educação, e CAPES/FNDE em 2007 criou o PIBID. Neste programa, alguns acadêmicos dos cursos de licenciatura participam dos projetos de Iniciação a Docência das suas Instituições de Ensino Superior (IES) em parceria com as escolas de Educação Básica da rede pública de Ensino. Neste aspecto, os acadêmicos bolsistas orientados por Coordenadores de suas IES e Supervisionados por professores das Escolas da Educação Básica “parceiras” tem a oportunidade de alavancar sua formação acadêmica desenvolvendo atividades didático-pedagógicas com orientação em dois campos de ação: nos cursos de licenciaturas (campo teórico) e nas escolas (com atuação docente).

Neste sentido, nosso propósito é apresentar os resultados e as experiências obtidas com uma das aulas planejada e que foi realizada junto aos alunos do 7º ano do Colégio Estadual Curitiba do Município de Paranavaí/ Pr., com a supervisão da Professora de História, Angelina Duarte, tendo como tema: “Feitiçarias e benzimentos: “O novo cristão da terra e a Visitação do Santo Ofício no Brasil do século XVIII”. O trabalho que desenvolvemos é parte da temática a que se propõe o Subprojeto de iniciação a docência PIBID/História (Unespar – Campus de Paranavaí – PR) - "História da África e da Cultura Afro Brasileira: conhecendo nossas raízes", temática que se respalda na Lei 10.639/03 que estabelecem novas obrigatoriedades para

as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, particularmente no que concernem os estudos da História da África e Cultura Afrodescendente. Uma nova preocupação que perpassa a abordagem em sala de aula como uma constituinte que deverá ser parte da formação da sociedade brasileira e que nos estudos da afro descendência deverão ser tratados como sujeitos da História; uma valorização das ideias e ideais da cultura afrodescendente presente na nossa sociedade.

A escolha do tema – “Feitiçarias e benzimentos: O novo cristão da terra e a Visitação do Santo Ofício no Brasil do século XVIII” – recaiu sobre as seguintes produções didáticas: “Estudar história; Idade Média e Idade Moderna” dos autores Reinado Seriacopi e Gislaíne de Azevedo (2015), e “Vontade de Saber História” dos autores Marco Pellegrini, Adriana Dias Machado e Keilla Grinberg (2016), ambos, livros do 7º ano do ensino fundamental, série com a qual trabalhamos. A escolha dos livros mencionados para a série (7º ano) se deram pelo fato de que a abordagem dos capítulos nos ofereciam acesso e receptividade para os desdobramentos pretendidos na discussão da temática proposta, ou seja, apresentar-lhes sujeitos formadores da sociedade brasileira cujos valores estão apoiados na afro descendência – princípio norteador do nosso Subprojeto Pibid de História.

Tomamos como ponto de partida o capítulo 9: “A Europa moderna: reformas religiosas e absolutismo do livro de história vontade de saber” (AZEVEDO & SERIACOPI, 2015). Apesar da ínfima abordagem sobre a atuação do Santo Ofício na América portuguesa, os livros propõem questões como, o choque cultural entre os dois mundos, as transformações ocorridas na Europa moderna (principalmente no âmbito religioso) e a ação do tribunal da inquisição durante o movimento da Contra-reforma – momento em que a

igreja católica defendia-se com veemência da crise desencadeada pelo movimento da reforma no século XVI. Neste caso, os autores não transferiram para a América Portuguesa os reverses deste choque cultural com análise mais detidas dos “reais” objetivos da Visitação do Santo Ofício.

O Avanço do protestantismo levou a igreja católica - em especial nos países ibéricos - reafirmar ainda mais os antigos dogmas católicos e a combater comportamentos tidos como heresias: judaizantes, bígamos, sodomitas, mouriscos, luteranos e feiticeiros - um reordenamento religioso, moral e social que encontrou na inquisição uma grande aliada. A partir do século XVI, o tribunal do Santo Ofício português enviou inquisidores à América portuguesa para investigar acusações de heresias tendo como principal alvo os cristãos novos - acusados de praticarem judaísmo em segredo. Mas além destes, a inquisição em território luso-brasileiro também perseguiu práticas tidas como mágico-religiosas, como adivinhações, feitiços, benzeduras e curandeirismo.

É, portanto nesse momento da abordagem dos livros didáticos que nos adiantamos com a especificidade de nossa exploração temática sobre a História Cultural. Não podemos considerar que apenas as informações contidas nas fontes nos dão o conhecimento histórico, “as informações das fontes só são incorporados nas conexões que dão sentido a história com a ajuda do modelo de interpretação, que por sua vez não é encontrado nas fontes” (RÜSEN, 2010, p.25).

A primeira Visita do Santo Ofício foi à capitania da Bahia (1542), depois a capitania de Pernambuco (1547); no século seguinte (XVII) na capitania do Rio de Janeiro e na capitania do Sul. Somente em 1763, século XVIII é que se estabeleceu no Grão-Pará e Maranhão a visita dos funcionários da Inquisição; Visitação que permaneceu até 1773, com

o objetivo de vigiar, punir, condenar indivíduos que manifestassem atitudes suspeitas contra a fé cristã; torna-los corpos dóceis. A última Visitação do Santo Ofício na Capitania do Grão-Pará e Maranhão – quando a sociedade paraense se insere nos autos da Visitação - foi o objeto de nosso estudo e trabalho junto com o Ensino Fundamental, 7º ano da Educação Básica. Analisamos a Fonte Impressa e consideramos que no conjunto do processo inquisitorial as práticas mágicas, aquelas ligadas as curas são as que mais se manifestaram na conjuntura da Visitação paraense do século XVIII, cujos resquícios se faz presente ainda nos dias hoje com a presença das benzeduras distribuídas de forma bastante peculiar nas diversas regiões do Brasil, ainda no século XXI; exemplo significativo da perpetuação de algumas práticas culturais de longa duração.

Objetivos: O Santo Ofício, as feitiçarias e os benzimentos

Objetivamos, pois, abordar em sala de aula um tema pouco corriqueiro nos livros didáticos: a presença do Santo Ofício em território colonial português tendo como alvo o “Novo Cristão da terra” – pretos, indígenas, mamelucos, escravos e libertos inquiridos segundo confissões de denúncias por práticas mágico-religiosas no século XVIII. Segundo Mario Sá (2009) a vida no Brasil, no período Colonial, as adaptações com o ecossistema hostil não transcorreram de forma tranquila. E quando observamos que a Visitação do Santo Ofício se preocupa de forma permanente com as práticas de curas é porque as dificuldades aqui na América eram de ordem material. Ou seja, as preocupações com a salvação da alma não era motivo de preocupação maior que a salvação do corpo. Em qualquer região da América o que estava sempre presente era a terra inóspita, onde abundavam as pragas, os animais peçonhentos e conseqüentemente doenças sem explicações que acabavam

por ganhar atributos místicos. Somada as adversidades climáticas havia a preocupação com a falta de alimentos, um trabalho compulsoriamente imposto e as doenças que o encontro de três continentes expôs como mazela maior, durante muitos séculos inexplicáveis.

Assim, nosso propósito de elaboração do referido Plano de aula careceu de uma estrutura teórica e o apoio de autores que são referências de estudos deste período aqui na América portuguesa. Para a elaboração de nossa aula, buscamos apoio em leituras de autores como Laura de Mello e Sousa (1986), Ronaldo Vainfas (1995), Daniela Buono Calainho (2008), Pedro Pache de Campos (1995), Mario Sá (2008) entre outros. Num primeiro momento, nossa aula teve o propósito de demonstrar como surgiu a inquisição e como esta se fortaleceu como instituição – colocando em questão a inquisição medieval e a inquisição moderna ibérica – para facilitar a compreensão por parte dos alunos do tema a ser abordado: “Feitiçarias e benzimentos: O novo cristão da terra e a Visitação do Santo Ofício no Brasil do século XVIII”. Entre as visitas que o Santo Ofício português fez à América, nossa aula recaiu sobre aquela ocorrida na região do Grão-Pará –, a última Visitação (1763-1769).

Confissões e denúncias feitas contra alguns atos considerados subversivos à moral cristã na Capitania do Grão-Pará são incluídas num trabalho realizado por Amaral Lapa intitulado “Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)” (LAPA, 1978). As fontes documentais presentes no livro apresentam ricas informações acerca dos povos, dos costumes e do cotidiano da população paraense do século XVIII. A obra, Fonte Impressa organizada por Amaral Lapa trouxe à tona denúncias e confissões por práticas mágico-religiosas

como o curandeirismo, aspectos que as visitas anteriores na Colônia não haviam enfatizado. Adivinhações, magias com fins amorosos, cura de doenças, dentre outras, eram práticas difundidas no cotidiano colonial como forma encontrada pelos indivíduos de resolverem anseios pessoais e problemas cotidianos. Diante desta diversidade de práticas mágicas recorrentes, objetivamos focarmos nossa aula nas práticas de curandeirismo, uma vez que acreditamos ser tema que certamente se inseria no universo cultural de muitos alunos por ser prática recorrente em muitas regiões do Brasil, nos dias de hoje.

A historiadora Laura de Mello e Sousa (1986) considerou os africanos junto com os indígenas e mestiços os grandes curandeiros do Brasil colonial dado a habilidade que tinham com a manipulação das misturas de ervas; os africanos e portugueses aqui no Brasil encontrarão na população nativa o conhecimento das plantas com potencial fitoterápicos; juntar-se-á as “mezinhas¹” os rituais de origem indígena ou cristão e a medicina popular europeia. Ainda nos apoiando em Mario de Sá (2009), que estuda “O universo mágico das curas: o papel das práticas mágicas e feitiçarias no universo do Mato Grosso setecentista” ele afirma que, em meio às misérias que assolavam a sociedade que se formava com a colonização as doenças ocupavam lugar de destaque nas preocupações e não poupava nenhuma classe social, negros, índios, brancos e mestiços, pobres ou ricos “nem mesmo os profissionais de saúde”. Em 1785, em Vila Bela, ocorreram “muitas moléstias graves, de que morreram muitas pessoas, entrando advogados, cirurgiões e até o único boticário” (SÁ, 2009, p. 326).

Segundo o historiador Pedro Pache de Campos (1995) foi na capitania do Grão-Pará no século XVIII que houve

¹ Mezinhas: medicamento, remédio, tisana; preparado composto de ervas medicinal.

maior índice de práticas mágicas ligadas à cura. Os curandeiros paraenses nesse período “empregavam um amplo arsenal de rezas e procedimentos rituais altamente sincréticos, que incluíam de práticas indígenas até os exorcismos da igreja”. (CAMPOS, 1995, p. 132) Segundo o historiador, a importância do curandeiro no seio da sociedade paraense – ou colonial de um modo geral - não é de se estranhar, pois a colônia sofria de uma escassez de médicos e hospitais. Conforme afirmação acima, isso por si só já explicaria a expressiva força do curandeirismo que se apoiava nos fitoterápicos abundantemente conhecidos pela população nativa. “Numa época em que as condições de vida não eram as da mais perfeita salubridade, e onde as expectativas de longevidade não eram altas, as moléstias eram enquadradas como algo cuja origem era sobrenatural”, um bom exemplo são os casos de atribuição das doenças às feitiçarias – veementemente combatidos – mas, com muita frequência recorriam-se às práticas e aos “praticantes de rituais mágicos, tais como benzedeiros, curandeiros” (CAMPOS, 1995, p. 133). Uma parcela significativa destes curandeiros foi objeto de perseguição por parte do tribunal inquisitorial português e tidos como feiticeiros.

Nosso plano de aula apoiou-se em fragmentos do Livro da “Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)”, documentos inquisitoriais da sociedade paraense nos Autos da Visitação. E alguns relatos contidos no livro de Amaral Lapa (1978) foram selecionados para serem analisados durante a aula, como o caso da inquirida “mameluca Domingas Gomes da Ressurreição”, ex-escrava, que procurou o visitador para confessar orações de cura, na qual confessou ter aprendido a cura para o quebranto; e do inquirido “preto José”, escravo de Manoel de Sousa, acusado por prática de curandeirismo à base de ervas e rituais.

Através destes relatos e apoiados em leituras de autores já citados, procuramos demonstrar aos alunos o papel social destes praticantes da magia da cura na conjuntura da Visitação do século XVIII à América portuguesa onde se formava uma sociedade colonial de um modo geral, sem distinção de regionalidade para tais práticas; a figura do curandeiro como sujeito histórico e sua relação entre diversos segmentos da sociedade – livres, forros, escravos, indígenas e europeus –; a coexistência e as interações culturais entre as práticas africanas, indígenas e europeias; o papel do negro, mulato, pardo escravo ou “forro”; a interação no indígena com um ecossistema que tão bem conhecia; as superstições, os medos medievais que para cá se transferem juntamente como o colonizador europeu. Todo esse processo de interação são fatores decisivos que delineiam o perfil cultural da formação da sociedade brasileira.

Negros da África, nativos indígenas e europeus mantiveram relações muito próximas, misturando crenças, hábitos e tradições, proporcionando um “sincretismo” religioso e uma mestiçagem cultural. Muitos curandeiros negros utilizavam em rituais de cura, por exemplo, elementos ligados ao culto cristão, como a água benta, orações, terços, cruces, invocação de santos católicos, dentre outras - revelando um “sincretismo” mágico-religioso e cultural. No avançar dos séculos de colonização (XVII e XVIII) o processo de colonização propiciou os ajustes de “maior penetração entre religiosidade europeia, africana e ameríndia; enquanto a Europa tridentina se esforçava em depurar a religião e “limpá-la” das reminiscências folclóricas, a colonização europeia dos trópicos impunha o sincretismo” (SOUSA, 1986, p.17).

Manifestações envolvendo danças e batuques também eram realizadas entre os africanos no Brasil colonial com o intuito de realizarem curas.

Eram os chamados *calundos*, que se caracterizavam por reuniões festivas de negros onde estes dançavam e pulavam ao som de instrumentos de batuque visando dar procedimento as práticas curativas. As crenças e devoções trazidas pelos africanos deram origem a uma variedade de manifestações que na América portuguesa ganhou contornos específicos. Houve “uma necessidade de readaptação e reconstrução de sua identidade, incorporando aos resquícios de seu passado cultural e religioso, elementos de outros grupos africanos e da cultura europeia”, (CALAINHO, 2004, p.49) e no caso da América portuguesa, elementos também da cultura indígena.

Para os negros escravos nascidos ou residentes no Brasil colonial, as práticas mágicas também foram ações pelas quais esses indivíduos readaptaram no cotidiano como formas de resistência e sobrevivência. Segundo a historiadora Daniela Buono Calainho, muitos escravos obtiveram nas práticas de curandeirismos ou feitiçarias mecanismos que os poupavam das “agruras do cativo”. Alvos da ira senhorial “desvencilharem-se dos castigos e livrarem-se de maus tratos, resistindo quotidianamente à sua condição. Foi a feitiçaria uma alternativa a mais para aliviar as tensões entre senhores e escravos.” As ameaças de adoecer seus senhores provocando-lhes “um mal mais direto eram ações que também compunham o leque de manifestações dos escravos [...] Estava em jogo sobretudo uma questão de sobrevivência” (CALAINHO, 2004, p. 53).

As crenças e devoções dos africanos configuravam-se como um conjunto de práticas mágicas vista pela igreja como magia, uma vez que estariam sob as influências sobrenaturais ou pacto com o demônio. Este conjunto de práticas se dava como tentativa de resposta à uma série de anseios e problemas cotidianos desses indivíduos: a melhoria de suas condições de existência – sobretudo para os escravos – a cura de doenças, a

manutenção da saúde, a segurança física e emocional, desejos de vingança e proteção espiritual.

Resultados e considerações finais

Conforme explicitado o Plano de Aula “Feitiçarias e benzimentos: O novo cristão da terra e a Visitação do Santo Ofício no Brasil do século XVIII” foi trabalhado com uma 7ª Série do Colégio Estadual Curitiba do Município de Paranavaí, Pr e durante o desdobramento da abordagem proposta observou-se uma satisfatória e contínua participação com interação dos alunos de forma mútua. A cada fato exposto suscitava-se um questionamento e aumento das expectativas dos participantes, bem como um desejo em contribuir com relatos de seu cotidiano que iam ao encontro dos objetos e objetivos propostos no plano de aula.

Nesta perspectiva, tendo em vista à aproximação e afinidade dos alunos com o conteúdo exposto não tivemos dificuldades em mantê-los em contato com o que estava sendo aplicado; conseguimos trazer para a sala de aula elementos que faziam parte das práticas de curandeirismo daquele período traçando um paralelo com os dias atuais. Exibimos também uma matéria (em vídeo) publicada no portal G1 Alagoas em 2014 sobre benzedeadas de comunidades negras de Alagoas que ainda mantém a prática da tradição de cura, através de práticas medicinais fitoterápicas da cultura popular, misturando crenças e o uso de ervas com o conhecimento de fitoterápicos herdados por uma longa prática de comportamentos das tradições culturais regional.

Desta forma podemos salientar a vigência de tais práticas ainda no século XXI; práticas culturais bastante presente na nossa sociedade atual. Em contrapartida, também foi possível ressaltar o preconceito ainda existentes por meio daqueles que discordam de ações e práticas religiosas contrárias à sua fé.

Nosso intuito foi ensinar-lhes sobre a formação da sociedade brasileira com a contribuição e encontro dos três continentes. Na análise e reflexão da formação da sociedade brasileira apresentamos um sujeito histórico considerado marginal pelo Santo Ofício e procuramos auxiliá-los em relação à desconstrução de ideias que divergem do respeito às diferenças; refletimos sobre pensamentos e ações que nos tornam pessoas empáticas no tocante a conviver com as diferenças. Em suma, houve contribuição satisfatória no que se refere à compreensão dos alunos sobre o tema proposto visto que foi possível impactá-los e na sequência debater sobre o passado e a atualidade. Alguns dos alunos ratificaram seus comentários considerando a importância do que fora dito por meio de relatos e testemunhos.

Vários foram os relatos de alunos no que se refere ter presenciado ou conhecer pessoas que fizeram uso de certas práticas que no ambiente colonial seriam consideradas mágicas. A aluna “M”, de 12 anos, disse que após sua bronquite estar atacada, sua avó lhe aconselhou a procurar uma benzedeira, mas sua mãe não a levou e disse que sua bronquite só seria curada através da medicina científica – o que demonstra certo receio de pessoas diante de tais práticas. A mesma aluna também disse: “minha mãe foi uma vez em um rio e um mosquito a picou e a sua pele começou a ficar inchada. Ela foi ao médico e não curava aí mesmo ela não acreditando foi a uma benzedeira que lhe deu um líquido para passar na pele, só que não podia falar o que era e com pouco tempo curou”. Interessante foi o fato da mãe de “M” não querer levá-la a uma benzedeira devido a sua bronquite, mas ter apelado a uma para resolver o inchaço causado pela picada do inseto por não conseguir resultado com medicina científica; curioso é ainda preservar-se a mística e o mistério do “não revelado”.

A aluna “T”, de 13 anos também

contribuiu com um relato e disse: “eu tenho um irmão bebê. Quando ele saiu da Santa Casa passou alguns dias e deu um monte de bolinhas vermelhas no corpo dele. Aí minha mãe me mandou pegar folhas de picão pra ela dar banho nele. Aí começou a melhorar as manchas e sumir do corpo dele quando minha mãe dava banho nele com o chá de picão”.

A aluna “J”, de 14 anos, também relatou: “olha, meu avô conhece bem o assunto! Eu não saía do hospital, sempre internada e dependente de inalação, de remédios. Certo sábado fui a Alto Paraná na casa da minha tia e eu estava com a bronquite atacada e meu avô mora perto. Ele me ofereceu ajuda, me disse que sabia de uma simpatia e perguntou se eu topava. Eu topei na hora. Ele cortou um pedacinho do meu cabelo e fez um furo na arvore da minha altura e pôs o cabelo. Disse que depois que eu passasse da medida, ou seja, crescesse, iria curar para sempre. Ele também disse que não podia falar pra ninguém umas palavras que eu não entendi. Enfim, deu certo.” Também disse: “minha mãe colocava uma fitinha vermelha no meu braço para espantar mal olhado.”

Um relato sobre prática de adivinhação contido no livro de Amaral Lapa (1978) também foi analisado durante a aula além dos relacionados à cura. A prática de adivinhação era associada à feitiçaria e tinha como finalidade detectar o paradeiro de objetos sumidos. Logo, a aluna “M” se dispôs a falar sobre sua experiência: “um dia eu estava na casa da minha avó e sumiu um molho de chave e não achávamos. Vi minha avó colocando um copo de boca pra baixo e perguntei para que aquilo. Ela disse que era pra achar o molho de chave e demorou só um pouco e achamos em cima da cama. E olha que já tínhamos procurado lá.” As contribuições dos alunos (as) com relatos e participação ativa na explanação do assunto tiveram papel fundamental na nossa experiência como docentes iniciantes, haja vista o favorecimento no que diz respeito ao

enriquecimento do presente trabalho, para a reflexão de todos nós.

Assim, podemos compreender e demonstrar aos alunos como essas práticas populares atravessaram a História do Brasil, da chegada dos colonizadores portugueses e africanos para serem escravizados até a atualidade e que estas práticas e representações associadas à cura têm caráter histórico e cultural no Brasil, fruto da convergência das culturas europeias com aquelas praticadas pelos nativos e pelos povos africanos escravizados. Tais práticas fazem parte de um conjunto de comportamentos, costumes, crenças e valores que foram enriquecidas pelas regionalidades geográficas do Brasil, ganharam transformações que hoje se constitui patrimônio cultural da sociedade brasileira: herança da sociedade colonial. Sem dúvida frutificou o intenso diálogo cultural entre a sociedade nativa, os africanos que aqui chegaram como escravos e os europeus colonizadores. Do que decorre que ainda hoje, muitas pessoas buscam essas práticas com intuito de tirar “mal olhado” ou até mesmo para descobrir a solução para diversos males e cura.

As denúncias e confissões por práticas mágico-religiosas investigadas pelo Santo Ofício na América portuguesa permitem compreender comportamentos e hábitos que alinhavam os mais diversos valores e assim demonstrar que a América portuguesa foi palco de readaptação e forjamento de uma nova identidade social, cultural e religiosa incorporando elementos europeus, indígenas e africanos – caracterizando a formação da nossa sociedade.

Referências

AMARAL, José Roberto do. **Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão – Pará (1763-1769)**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978 (Coleção História brasileira)
AZEVEDO, Gislaire de & SERIACOPI, Reinado. *Estudar História: Idade Média e Idade*

Moderna. Projeto Teláris. Ensino Fundamental II. Pinheiros, São Paulo: Editora Ática. 2015.

CALAINHO, Daniella Buono. **Africanos Penitenciados pela Inquisição Portuguesa**. Revista Lusófona de Ciência das Religiões – Ano III, 2004/ nº5/6 – 47-63.

CALAINHO, Daniella Buono. **Metrópole das Mandingas: religiosidade negra e inquisição portuguesa no Antigo Regime**. São Paulo: Ed. Garamond, 2008.

CAMPOS, Pedro Marcelo Pache de. **Inquisição, Magia e Sociedade: Belém (1763-1769)**. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: UFF, 1995.

COSTA, Waldson. **Benedeiras de comunidades negras de Al mantêm tradição da cura pela fé**. Disponível em <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/08/benedeiras-de-comunidades-negras-de-al-mantem-tradicao-da-cura-pela-fe.html> Acesso em: 04 de setembro de 2017.

CUNHA, Rodrigo da. **Curandeiros e o Tribunal da Inquisição no Grão-Pará Setecentista**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH- São Paulo, julho 2011.

CUNHA, Rodrigo Rocha da. **Entre Moléstias e Feitiços: o cotidiano e a repressão religiosa contra os curandeiros na capitania do Grão-Pará (1750-1800)**. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2013.

MAIA, Glauciene da Costa. **Feiticeiros negros no Grão-Pará (1755-1772)**. Dissertação de mestrado, Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2014.

NOVINSKY, Anita. **A inquisição**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PELLEGRINI, Marco Cesar; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keilla. *Vontade de Saber História. Ensino Fundamental, 7º Ano*. Londrina, Pr: Editora FTD Educação, 2016.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado. Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Tradução: Asta-rose Alcaide**. Brasília: Editora Brasília, UNB, 2010.

SÁ, MARIO. O Universo Mágico das Curas: o papel das práticas mágicas e feitiçarias no universo do Mato Grosso setecentista. **REVISTA HISTÓRIA, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro. v.16, n.2, abr.-jun. 2009, p.325-344.

SOUSA, Laura de Mello. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. **A Heresia dos Índios: Catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.